



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

24 de Outubro de 2009 • Ano LXVI • N.º 1712
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio



Na passagem de mais um aniversário do nascimento de Pai Américo, o 122º, um somar de anos mais ou menos longo consoante a idade dos que o celebramos, subjectivamente falando, mais uma vez entramos na riqueza que foi a sua vida e os frutos dela, a sua Obra.

No que toca àquilo que perpetua no tempo as suas experiências, os livros escritos pela sua pena, não experiências na sua plenitude porque «as experiências não se transmitem», como ele dizia, mas o que é possível transmitir, temos neles, nos livros, um transbordante jorrar de vida, dada a sua capacidade de nela penetrar profundamente.

Neles, a simplicidade é a nota dominante, qual espada de dois gumes capaz de separar o ilusório do autêntico, a vanidade do que é perene. Teve este dom que lhe foi dado, que nele encontrou tamanha realização porque constantemente o refrescou na fonte da Verdade, que é simples e transparente.

A acutilância da sua palavra tocava os corações dos ouvintes e leitores, marcando-os para toda a vida. Quantos desses testemunhos nos chegam, energias que se geraram e que os seus depositários trouxeram até hoje, a prova da qualidade da sua palavra, viva e eficiente. Quantas vezes ficamos perplexos ao lê-la, nós que somos testemunhas em segunda geração, ainda que talvez não menos tocados pelo impacto da sua força.

Embora as realidades retratadas não sejam tão frequentes no nosso tempo e meio, continuam a lançar luz sobre as actuais, interpretadas por outros rostos com outras histórias, num aparente contexto de menor abandono, mas tantas vezes com o mesmo ar que Pai Américo respirou em lugares de «Mártires, de Heróis, de Santos».

Aquilo que no seu tempo era deixado ao abandono como lixo, os velhos, os doentes e as crianças, é hoje para alguns, fonte de negócio e receita, de que fazem um projecto de vida para si mesmos.

No seu dar-se aos Pobres, deu-se também a todos os que o lêem e meditam os seus escritos.

Neste tempo em que, ao contrário do que há alguns anos se pensava, cresce a publicação de novos livros, tantas vezes de conteúdo simplesmente ficcional, quanto enriquecimento pessoal e social se pode obter através da escrita de Pai Américo, a qual no seu dizer «se picares as suas letras com um bico de alfinete, há-de ver que deitam sangue, tão vivos são os casos que elas narram». □

É PRECISO NÃO OS PERDER DE VISTA

Padre João

ERAM cinco os irmãos F. Neves que passaram pela Casa do Gaiato. Foram saindo, por circunstâncias várias, só restando o mais novo como único “sobrevivente”.

Desde aquele entardecer em que os trouxe, tinha o mais novo 2 anos, foi como se um ninho caído da árvore tivesse encontrado, nunca mais deixei de pôr olho neles.

Temo-nos encontrado várias vezes, não com todos, que o mais velho está na Bélgica a tentar juntar dinheiro para pagar dívidas, em tempo contraídas, sem grande sensatez e, agora, acumuladas... Casa, casamento, mobiliário... Está agora refém dos sucessivos empréstimos bancários.

Encontrar-me com eles, não é um facto colegial, mas, antes, um reencontro de sabor familiar, pois tudo o que assoma ao espírito de todos, deles e meu, até os factos mais banais estão carregados da ternura tão característica das vivências familiares.

Como a família é a verdade fundamental da vida do homem! Como na relação educativa só vinga o que traz a marca do amor e do perdão!

É claro que a saída de cada um do nosso meio familiar, não foi isenta de tensões e incompreensões. Algumas, decorrentes do processo de crescimento de cada um; outras, de alguma desatenção educativa.

Penso até ser este o momento mais dramático da nossa intervenção educativa: o receio de os perder, ou que eles por si mesmos se percam. Nem sempre a nossa atenção como educadores foi pautada pela serenidade. É uma situação difícil, a da autonomia. Na sua conquista se confrontam valores e contra-valores face à exigência da liberdade; de uma correcta interpretação da liberdade. Outros factores entram em confronto, nomeadamente a articulação com a “outra família”, a difícil integração no mundo profissional e a independência económica e afectiva.

A saída de cada um deles teve circunstâncias diferentes. De todos os modos é sempre nefasto qualquer abandono neste momento crucial da vida. Há que acompanhá-los... está em causa a construção do seu próprio “ninho”. Há um grande investimento a fazer a este nível... tenho

pensado que nesta fase da saída dos Rapazes deveriam aqui jogar um papel decisivo as Associações de Antigos Gaiatos e, até, o Património dos Pobres. Alguns do nossos não estão suficientemente preparados para este momento; são presa fácil das miragens do nosso mundo e potenciais candidatos a engrossar as fileiras dos sub-mundos da marginalidade. É preciso não os perder de vista; concertar esforços para que o seu êxito e integração social vingam. Os contactos com os centros de formação profissional, entidades patronais e empresas, são importantes.

Em recente estudo, encomendado à Universidade Católica, que esperamos dar a conhecer, sobre a inserção sócio-profissional dos antigos gaiatos, se fazem alguns reparos e recomendações pertinentes, já que o momento de saída é de grande vulnerabilidade. Ao encontrar-me com os nossos F. Neves, a sua situação actual de inserção sócio-profissional, pareceu-me ser um factor de sucesso inequívoco. O “segredo” é o acompanhamento e a atenção. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Só o amor é capaz de animar

A proposta foi encantadora. Um Clube Rotário, animado pelo espírito de solidariedade, abre o coração dos seus membros. Quer promover o nível humano dum grupo de crianças, pelo caminho da escola. O objectivo, de imediato, está no ensino secundário ou técnico. São filhos e filhas que, doutro modo, ficariam no chão, ou nos primeiros degraus da escolaridade. A Casa do Gaiato dá as mãos e o coração para acolher a oferta. São tantos e tantas à espera de ajuda! O donativo proposto dá possibilidades de ajudar cerca de 16 meninos e meninas, ao longo dos anos, na subida escolar. Só o amor é capaz de animar a justiça social na descoberta do caminho autêntico da promoção da dignidade humana. A escola, sem dúvida, é um ponto de referência obrigatório. Por isso, desde o início, Pai Américo teve o cuidado de colocar a escola ao lado do refeitório.

As fotografias e os nomes já foram enviados ao destinatário. A alegria e a esperança estavam visíveis nos seus rostos. Quem dera a escola ajude a realizar os sonhos destes filhos! Na semana finda, fui surpreendido pela presença de várias mães aflitas pelo comportamento dos seus filhos. Fogem da

escola. O ambiente social para as crianças, adolescentes e jovens, está marcado, sem dúvida, por uma degradação alarmante. Contudo, a escola necessita de professores que sejam verdadeiros pais, com a sua presença diária e motivadora dos autênticos interesses dos alunos. É um dos sectores da nossa vida que, neste momento, nos causa grande aflição. Por isso, entende-

mos muito bem a preocupação das mães que nos procuram. Mas não somos a resposta. A maior parte destes filhos foram abandonados pelos pais. Deste modo, a situação torna-se mais grave e aflitiva.

Queremos levar, até ao fim, a vida dos que nos foram directamente confiados. Acolhemos, de coração

Continua na página 3

Canonizações

A manhã deste Domingo foi passada no Pinheiro Manso, ligado à Basílica de S. Pedro. Era dia de proclamação de Santidade; e entre os glorificados figuravam dois que Pai Américo já «canonizara» há muito e foi dele que aprendi a venerá-los: O Padre Damião, o Leproso, e Joana Jugan, a fundadora das Irmãzinhas dos Pobres. Desta até já dei notícia quando da canonização do nosso S. Nuno de Santa Maria, convencido que era também nesse dia a sua. Um feliz engano que me permitiu hoje assistir, com o pormenor que uma transmissão televisiva nos oferece, a esta bela celebração.

Conforme o costume, a imagem dos «novos» santos pendia das varandas da Basílica Vaticana na forma a que nos habituámos: Ela, mulher do povo, com o cestinho para os dons pendurado no braço; Ele com o rosto bem marcado pela doença que comungara dos seus leprosos.

Não é novidade nenhuma a intercessão que esperamos deles em favor do mundo — que tantas misérias, tantas «lepras» persistem com culpa dos homens. Mas é ocasião para redobramos a nossa confiança neles, neste seu trabalho do Céu que é fazer bem à Terra.

Padre Carlos

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

AS CONFERÊNCIAS VICENTINAS E A LUTA POLÍTICA — Estamos a escrever-vos esta crónica em dia de eleições para as autarquias locais. É sabido que a acção social tem vindo a entrar cada vez mais na agenda política local. Há aspectos positivos nesta evolução, mas também há aspectos negativos. Um deles é o risco das organizações com intervenção na área social, Conferências Vicentinas incluídas, serem instrumentalizadas no jogo político local. Cada Vicentino, individualmente falando, como cidadão consciente que é dos seus deveres cívicos, pode e deve ter a participação política que entender, desde o simples exercício do direito de voto, até outros tipos de envolvimento mais acentuados. Já é diferente o caso de uma Conferência. Não nos parece que seja seguir por bons caminhos, irmos ou deixarem que nos levem para o terreno da luta política partidária, mesmo que seja para quem está no poder ou lá quer chegar diga que nos vai "ajudar". As Conferências não podem seguir o triste exemplo de algumas IPSS's que se deixaram instrumentalizar neste sentido, ou que foram mesmo criadas de raiz para serem principalmente instrumentos de quem está no poder político, ou o quer conquistar. Se nos quiserem ajudar, não enfeitamos nenhum apoio vindo de pessoas de boa vontade, mas queremos que esse apoio seja discreto e que não sirva para que daí sejam tirados dividendos. Se não for para ser um apoio discreto então que ajudem outros que, para viver, precisam e se prestam a receber esse tipo de ajudas destinadas a aparecer na fotografia dos jornais locais e a proporcionar vantagens a quem as dá e a quem as recebe. Nós não precisamos disso, nem nos prestamos a isso.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

MALANJE

Padre Rafael

«E vós, quem dizeis que Sou»

DURANTE muitos séculos foi o nome dado a Deus «Eu sou (sou O que É) o sem nome». Ninguém pode atrever-se a definir ou a denominar com um simples nome o Criador de todas as coisas. Por isso, muitas pessoas, ao longo da História, perderam os melhores anos da sua vida a tentar resolver uma questão que nunca quis ser um problema. A Fé reconhece-se pelas Obras e as pessoas pelo seu quotidiano. Se quero conhecer alguém, tenho de saber o que faz e onde gasta o seu tempo. E se alguém me quiser conhecer, tem de saber o que faço e onde decidi perder o tempo que me foi dado. Mas para além de toda esta reflexão, o que é inegável é o que eu faço, o que me afecta e me transforma. Então, se eu quero ser de um certo modo, tenho que procurar fazer aquilo que me encaminha a sê-lo, em verdade eu só posso ser eu.

Seu nome pode ser *Tio Zé* e trabalha como pastor na Casa do Gaiato. Chegou muito cedo, embora este não seja o costume. Está a tomar o pequeno-almoço: pão com manteiga e um pouco de leite. Ele normalmente senta-se sozinho nos degraus da escada, enquanto observa o pátio onde as vacas estão aguardando sua chegada. *Tio Zé* já tem quatro filhos e espera um quinto, mas não esquece o nome dos dois que morreram. Trabalha uma semana e descansa na outra; por isso, esta semana aproveitou para pensar no que vai fazer na próxima. Agora está preocupado porque, uma vez mais, é necessário que certas circunstâncias sejam favoráveis de forma a poder extrair algum alimento da terra. Primeiro, que chova antes de meados de Setembro e assim poder preparar a terra para a sementeira. Se estas duas coisas coincidirem, basta chegar o fim do mês e receber o seu ordenado para comprar algumas sementes de feijão e milho. E, claro está, tudo isto teria de coincidir com a sua semana de descanso para ajudar a esposa na sementeira. Se tiver sorte e tudo isto se conjugar e nenhum familiar falecer, para não ter de contribuir com parte do seu salário, apenas faltaria o indispensável terreno para poder realizar este projecto, o que nos pediria a nós. *Tio Zé* tem de ir tratar do gado e, hoje, por acaso, fui ver um bezerro que nasceu durante a noite. Certamente por nos sentir feliz com isso não perdeu a oportunidade. O nosso pastor é muito tímido e sabe que a nossa Casa sempre o apoiou nos momentos difíceis da sua vida. Encheu-se de coragem e fez a sua petição: «O senhor Padre não se esqueceu que tem de me dar um acréscimo pelo nascimento do bezerro?» Nós cumprimos o acordado. Então, *Tio Zé* faz a sua petição: «No ano passado deu-me três cumes de terra para eu poder semear, não seria possível, este ano, dar-me um pouco mais?» «Oh, Zé, todos os que queiras, e sabes que de cada três que trabalhes, dois são para ti e um para a Casa, isso quer dizer que quanto mais trabalhares melhor para todos». *Tio Zé* responde agradecido: «Na comunidade estamos contentes porque o senhor no deixa fabricar a terra e ainda ajuda com o trabalho do tractor. Os mais generosos sempre quiseram metade da produção e a Casa do Gaiato só pede uma terceira parte».

Tio Zé abalou cheio de alegria, porque esta semana vai poder pensar, enquanto o gado pasta, como organizar as sementeiras das primeiras chuvas.

O tempo de férias terminou e entramos na segunda metade dos cursos académicos. Mas, como não podia deixar de ser, os professores decidiram prolongá-las por uma semana mais. Aqui, pelo que alguns dizem, o chegar com pontualidade é criar problemas aos outros. Em resumidas contas, esta semana vai ser praticamente de descanso. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Em 3 de Outubro realizou-se o fim da nossa vindima. Tinha hora marcada o seu início, às 8h00 na Casa do Gaiato, contando com a preciosa ajuda dos antigos gaiatos e seus familiares. No fim, almoçamos todos juntos. Aqui fica o nosso obrigado a todos que colaboraram.

OBRAS — Acabaram as obras na casa 1, que estava a precisar de ser pintada. Já começaram as obras do bar. Esperamos que o bar reabra rapidamente para usufruirmos desse espaço.

JARDINAGEM — O nosso Padre João Luís e mais um grupo de rapazes estiveram a cuidar dos jardins da Casa, a cortar as sebes e a podar arbustos, já está tudo a ficar mais bonito.

RAPAZES — Dos rapazes que acabaram a escolaridade obrigatória ou os seus cursos, a maior parte já arranjou emprego. Uns foram para a área do seu curso, como cozinha e pastelaria,

outros foram para serralharia e embalagens e num parque de campismo. Esperemos que aproveitem o emprego para prepararem o seu futuro.

Hugo Pina

DESPORTO — No dia 3 de Outubro, demos o pontapé de saída, com o primeiro jogo oficial da temporada, ao recebermos os Juniores da Associação Desportiva de Águas Santas, da A. F. Porto.

Tudo feito, com alguma «poeira» no ar; ainda não tinha chovido! Cabeças com o pensamento longe... e tão perto do ambiente futebolístico daquele momento.

Estou convencido que, com mais um nadinha de humildade e de coerência, o bom senso prevalecerá. As regras são claras, e devem ser cumpridas. O provérbio não engana: «Ser respeitado não nos faz nobres, e respeitar também não nos faz escravos; portanto, é bom respeitarmo-nos uns aos outros.»

O Águas Santas marcou o primeiro golo do encontro. Nós empatamos

ainda durante os primeiros 45 minutos. Tudo muito mal jogado, pela nossa parte. No balneário, ao intervalo, notava-se algo que não estava a funcionar bem. Uns falavam...; outros, tapavam os ouvidos... de cabisbaixo. Enfim!... Deixei que a calma viesse ao de cima, para se proceder às respectivas alterações. Umas, forçadas; outras, porque as regras do jogo impunham que fossem feitas.

Com golos de Rogério (1), cumpriu bem a sua obrigação no eixo da defesa; Hugo Pina (1), fez a sua estreia e entrou bem no jogo; Joel (1), esteve bem; Agostinho (1), podia fazer mais e melhor; Bonga (3); André Espanhol (2), tentou demonstrar durante o tempo que jogou, que afinal, pode ser titular; contra três do adversário, fixou-se o resultado final.

Para terminar, esta pequenina nota: António Pedro, também fez a sua estreia e, com menos meia dúzia de quilos, não é difícil agarrar o lugar de titular. Esteve excelente.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

70 ANOS — A 3 de Outubro de 1939, Pai Américo fez escritura da quinta onde nos encontramos instalados há 70 anos!

Na nossa Eucaristia, foi lembrado este acontecimento, da nossa história.

SALA DE JANTAR — Um casal amigo, de Almeirim, a quem agradecemos, deu-nos um armário de sala, que colocámos na sala de jantar. E serve para arrumar alguma louça, usada, que nos têm dado.

LAVANDARIA — A máquina de secar roupa, com tanto uso e vários concertos, não tem trabalhado. E faz muita falta, em especial no Inverno, quando se acumula muita roupa.

Precisamos mesmo de comprar uma máquina industrial, que é muito cara.

CONCERTOS — De vez em quando, têm-se estragado ou avariado materiais de electricidade e pichelaria (como tubagens antigas, e acessórios de casa de banho e cozinha). Vão-se arranjando, conforme é possível, porque ficam caros.

LAR DO GAIATO DE COIMBRA — Ainda bem que continuamos a contar com o apoio, no estudo, de algumas professoras voluntárias: Teresa, Joana, Maria José e Maria do Carmo.

A Catequese é assegurada, à terça-feira, por Amigos da residência dos

estudantes da Beira: João Marcos, Carlos e Francisco.

A todos, o nosso muito obrigado!

AGRO-PECUÁRIA — Depois da colheita do milho grão, que foi guardado no barraco, tem-se andado a desfolhar as espigas, sendo uma tarefa demorada.

A horta continua a necessitar de cuidados.

Na feira de Miranda, a 7 de Outubro, foram comprados mais 12 centos de pés de couve troncha; que foram plantados, depois de alguma chuva que caiu.

A primeira plantação já foi sachada. Esperamos que as couves cresçam bem, pois precisamos delas para a nossa alimentação. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

VINDIMAS — Foi no sábado, dia 3 de Outubro, a realização da vindima na Casa do Gaiato. Começou bem cedo, pelas 08H00, a concentração dos vindimadores da Associação à qual se juntou a rapaziada da Casa. Em bom ritmo, apoiados pelo tractor do Meno, a parte da manhã rendeu quase 4 pipas que o Mendão e o Merendas saberão transformar em bom vinho branco. Ao almoço, a recompensa do esforço foi uma bela feijoada oferecida pela Casa. Para o ano, cá estaremos de novo, pois o trabalho feito em comunidade e com as nossas próprias mãos, produz fruto e traz a satisfação do dever cumprido.

MAGUSTO — Estamos a preparar o magusto que fica integrado na comemoração do 1º aniversário da inauguração da sede da Associação. Pensamos que o melhor dia aponta para 14 ou 15 de Novembro. Fica atento pois no S. Martinho come-se as castanhas e prova-se o vinho.

LOJA SOCIAL — Continuamos a receber ofertas dos nossos amigos e benfeitores. Registamos o amigo Manuel Barros, do Porto. Ainda, Teresa Couto e Conceição Mourato, de Gondomar e Gaia. O nosso bem-haja.

GRUPO DESPORTIVO — Continuamos a dinamizar a vertente desportiva da nossa Associação. Para isso, contamos com a presença assídua, aos Domingos de manhã, no campo de futebol da Casa do Gaiato, dos associa-

dos que queiram desempenhar as pernas e dar umas corridas atrás da bola.

No atletismo, participamos na prova de encerramento do circuito municipal de atletismo de Penafiel. Foi na cidade de Penafiel que decorreu a 1ª milha, onde obtivemos bons resultados, embora com poucos treinos, o David Marujo, Tó-Manel e Octávio pontuaram para o circuito. Também o Miguel e o Maurício marcaram presença e conseguiram chegar ao final da prova...

NOVAS ACTIVIDADES — Já se iniciaram as aulas de desenho e pintura, assim como as aulas de guitarra clássica e cavaquinho. Se tens gosto e vontade de ocupar os Sábados, vem até à sede e darás o tempo por bem empregue. □

LAR DO PORTO

Olga e Valdemar

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Aprendemos, que um cristão, nunca pode ser um acomodado na vida. Ora, os tempos em que vivemos, leva-nos a concluir, que não é isso que se está a verificar com todos os que nos dizemos amigos de Cristo.

Verifica-se, nos tempos que atravessamos, que aquela sabedoria cristã de elevar a humanidade às alturas da estratosfera espiritual se extinguiu.

Os tempos que atravessamos levamos a pensar, que o Divino já não existe no humano. Então, vemos que a

loucura de Cristo, que culminou com a sua crucificação já não encontra eco nos nossos corações.

Estamos a deixarmo-nos arrastar para a lama das estradas poeirentas, onde cada um daqueles que não podem ser outra coisa senão fariseus, se arrastam. Assim, vemos que nós, dizendos cristãos, deixamos de andar com a cabeça nas estrelas, onde Cristo é a maior e cuja luz já não ilumina os nossos corações.

Sem esta luz, esquecemo-nos que todos os bens que possuímos são de

Deus — que todos os nossos dons, são de Deus, e devem ser postos ao serviço de todos. Que nada é nosso e a todos devemos restituir.

Vemos assim, que o nome de Cristo, já não encontra eco em nossos corações. Deixamos de acreditar que entrar no círculo da vida de Cristo, significa renunciar a todo o equilíbrio e a toda a decadência a todo o preço. Não reparamos, que deixamos de nos elevarmos,

MOMENTOS

Padre Acílio

NOS princípios de Setembro, realizou-se na capela desta casa o casamento de um dos nossos: O «Begas» com a Ana.

Tenho muita pena que a notícia e os comentários não tenham chegado há mais tempo ao coração dos nossos leitores. Nem sequer consegui uma fotografia para ilustrar a comunicação. Mesmo assim não resisto a transmitir as minhas vivências.

Tendo saído da Casa sem preparar a sua estabilidade afectiva, acabou por se juntar com aquela que é hoje sua esposa e mãe de um lindo menino de 4 anos. Hoje sim, encontramos o Hugo numa situação humanamente sólida: — com trabalho, esposa, filho e uma casa.

A Ana não era baptizada e pouco esclarecida na sua fé, mas com uma notável fome de Deus, fez longa e séria preparação para o casamento e baptismo.

Deus, é quem mede estas realidades. Nós ficamos somente nas impressões, mas pareceu-me mais fresca na Fé que o próprio marido, o qual, em nossa casa, beneficiou de toda a catequese e formação religiosa, durante muitos anos!

Deus é quem vê. Nós ficamos nas impressões e podemos assim enganar-nos.

O Hugo Artur, aqui alcunhado de «Begas», fez questão de vir casar na comunidade e na capela onde cresceu na fé e no amor e onde ganhou raízes e asas, para ser homem e cristão. A Ana foi do mesmo sentir.

Os rapazes prepararam a celebração festiva. Engalanaram, desde longe, com arcos de palmeira, o largo frente ao átrio da capela, a entrada e, depois, o interior da mesma.

O *Bitá* descobriu verduras e flores nos sítios mais recônditos e proibidos e dispôs-las no altar, no sopé do ambão e do magnífico e majestoso crucifixo, com arte, beleza e airocidade admiráveis.

Enquanto ele, concentrado, trabalhava, os rapazes ensaiavam os cânticos e a música, eu sentado no fundo da capela onde me recolhi cansado e absorto, fiquei preso àqueles quadros durante a tarde inteira.

Eram eles que ensaiavam e se aperfeiçoavam uns com os outros. «*Mais alto, mais acima, não tanto. — Eh pá!, vê lá se fixas*». E os instrumentos iam afinando com eles, uns e outros, durante largas e persistentes horas, com entusiasmo, sem cansaço nem pressas.

Se a celebração do casamento e dos baptismos da mãe e do filho correram com grande elevação e beleza, ficou-me mais gravada na alma, a doçura da preparação. Eles a revelarem a sua fraternidade com todo o afinco, nesta obra que é deles, por eles e para eles.

Precisamos que os rapazes se casem da nossa Casa. Que não se aventurem sem consistência afectiva, económica e religiosa e dêem aos que vão crescendo dentro, lições práticas de como somos família, também, nas saídas!

Temos em Casa uma série de pequeninos vindos da Guiné. Por motivos graves de saúde têm chegado a Portugal com o pai, a mãe ou, até, com os tios.

São pobres. Não têm família capaz. São nossos. Acolhemo-los após um breve e pessoal exame à sua situação.

Eu chegava a casa, já eles tinham almoçado e brincavam no pequeno parque frente à piscina.

Dominado pelos problemas dos pobres, vinha mesmo abatido.

O Jô, ao chegar o carro vem de olhos abertos de esplendorosa alegria encontrar-se comigo:

— *Páxili tenho uma surpresa.*

A alegria da criança desvaneceu o meu abatimento e despertou-me para o mundo dele.

— *Então? O que foi?!*

— *Está cá a minha mãe.*

A limpeza feliz com que me falou, fez-me lembrar a palavra de Jesus ao acarinhar as crianças: «*É delas o Reino dos Céus*». Respondi-lhe:

— *Como é linda a tua mãe.*

A senhora ainda nova aproximou-se e cumprimentamo-nos, mas eu fiquei com um amargo na boca: A expressão da criança foi muito mais sincera do que a minha. Procurei agradar à criança e à mãe.

A pureza da minha expressão ficou a léguas de distância da do menino. Como as crianças são verdade e por isso Jesus se apaixonou por Elas. □

VISTAS DE DENTRO

Padre Telmo

UM pouco baralhados... é certo que estamos.

Um Senhor Bispo diz-nos «que não estamos actualizados nem conformes à ordem e técnica dos Serviços Sociais». Um outro e fala: «Continuem livres, nós estamos presos à ordem dos ditos». E alguém: «Eles ditam; se falharmos o ditado é supressão dos "ditos" e funestos verbos».

Nem tudo liso no nosso caminho — de surpresa surgem pedregulhos... se é certo que «não há rapazes maus», muitos se afastam e seguem carreiros tortuosos. Também e até em famílias pequenas. Quantas lágrimas tenho visto e sentido nos olhos de tantos pais porque os filhos — tão queridos! — entraram nos carreiros da droga...

Neste momento, um gaiatinho interrompeu-me: «Estão ali uns senhores». Fui. Eram o Luís, Jorge e o Caparica com suas famílias. Ficaram felizes ao percorrerem a Casa-Mãe, que foi reparada, ficou bela e continua a ser a casa deles.

Ai!, se fosse possível reunir todas as famílias de gaiatos — pais, filhos e netos... Seria um assombro e uma lição para o nosso Portugal!

Continuamos, sabendo mesmo que temos de tropeçar em muitos pedregulhos. □

DOUTRINA

Pai Américo

Assim eu quisera
que todos falassem...



«**P**ERDONE si no escribo en portugués, pero não puedo harcelo por desconocimiento del idioma. Por outra parte, Vd. entenderá perfectamente lo poco que he de decirle, sólo por no enviarle el dinero sin explicación ninguna. Que también pudiera ir.

Leo muy a menudo su O GAIATO. Conozco, por tanto, su Obra. Y me entusiasma. Pudiera dar estos escudos a cualquier Obra semejante de mi país; pero el Catolicismo es Universal y tan pobres son los que aquí como los de allá. Aquí estoy y aquí doy mi limosna. Otros la darán allá, aun sin ser españoles, quizá.

E continuaré leyendo su O GAIATO, aun cuando, alguna vez he encontrado frases no muy agradables a oídos españoles. Que dios bendiga su Obra y la difunda.»

É em espanhol, mas entende-se muito bem. E é mesmo necessário que todos o entendam, para se ouvir menos, entre nós, o costumeado «não pode ser que nós também cá temos as nossas Obras». De uma vez, em certa terra, até ameaçaram fazer queixa ao Governador Civil, por eu ir ali pedir para esta, quando lá, diziam, havia outras Obras.

O autor da carta não faz escolha de pessoas nem de lugares. Dá prá frente. Outros darão na terra dele, «aun sin ser españoles». Assim está certo. Este senhor é um verdadeiro católico. Nós temos de ser mais largos, olhar para a imensidade, reconhecer que tudo é de Deus. O que importa é dar bem, não aonde ou a quem. Dar, sim, e nunca dizer que se dá. Esquecer o que se dá. Desta sorte, teremos sempre gravada no coração a obrigação de dar. É tão desairoso quando a gente vai pedir, escutar do senhor a quem se faz todo o reportório das suas «generosas» dádivas! O fariseu também disse que dava esmolas e jejuava e fazia e acontecia. Disse de si. Falou de si. Todo aquele que fala com Deus, de Deus, esse esquece-se de si. Assim eu quisera que todos falassem, para terem menos que dizer de si mesmos, quando lhes for bater à porta.

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

QUE DEUS NOS VINDIME

Padre João Luís

ESTE ano de conhecimento da Obra da Rua e do Padre Américo vai ser longo. É muito longo o caminho que nos leva ao conhecimento de nós mesmos (que só terminará quando o Senhor nos chamar à sua presença e tudo ficar iluminado).

O Senhor está sempre connosco, mais íntimo de cada um de nós, do que cada um a si mesmo. E nós vivemos horas, dias e anos sem O ver!... Nós também vivemos durante muitas horas, dias e anos sem vermos aqueles com quem estamos. Estamos muito longe das suas luzes e trevas, sofrimentos, alegrias e esperanças.

Não se conhecem os da mesma casa. Não se conhecem os vizinhos. Uma nação está longe das nações vizinhas...

Só o Senhor está sempre com todos. Só a Igreja é conduzida pelo seu Senhor a estar sempre com todos.

O Padre Telmo voltou para Angola. Foi com ele o Padre João Rosa para uma visita à Casa de Malanje.

As notícias que vou tendo das crianças de África (da América, da Ásia, da Europa) aumentam a alegria que encontro na Obra da Rua e ajudam-me a pedir: «Senhor, não leves em conta as nossas ofensas e faz com

que na Tua Igreja sejam numerosos os Padres, as senhoras e os irmãos que abram a Obra da Rua às crianças que esperam o Teu abraço e bênção».

Tenho tido a alegria de vindimar e fazer trabalhos de jardinagem com os rapazes que não têm escola ou andam à procura de trabalho. A amizade que aí vai sendo partilhada é água que mata a sede e pão que mata a fome.

Que Deus nos vindime e o que há em nós de bom seja para a alegria dos que nos rodeiam. Que Deus nos limpe e pode para podermos continuar a dar frutos de boas obras. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

aberto, as dores e as lágrimas dos que nos batem à porta a pedir socorro. Quem dera todos vivessem como filhos do mesmo Pai, em convivência de irmãos, nas actividades de cada dia! A habitação é, neste momento, outra causa de muita tristeza. O tempo da chuva está à porta. Os pedidos de ajuda são diários. É impressionante a falta de humanidade em que vivem

centenas e centenas de famílias! As crianças, amontoadas, vivem e dormem nos cantinhos das cubatas, arrumadas como pedras preciosas. Há tanto para fazer! Há tanto para ajudar! Mas, em primeiro lugar, há um trabalho imprescindível a fazer: ajudar cada pessoa, desde criança, adolescente e jovem, a querer e a fazer tudo o que puder para sair da miséria em que vive. É um passo difícil. O ambiente em que vivem tem muito peso. A mão

que leva o auxílio eficaz não aparece. Não há, contudo, razão para desanimar. Alguns passos estão a ser dados. O campo, porém, é tão vasto!

Que ninguém fique imóvel! Que ninguém se feche na sua humanidade isolada. A humanidade de todos e de todas está em mim. Que pensas? Que dizes? Que fazes? Como podemos viver sem amar? A razão de ser da nossa vida é o Amor: dom da vida, do que se é e do que se tem. □

quando o elevar-se para Cristo, deveria ser respirar para viver.

Esquecemo-nos também da máxima de Cristo «Morrer para viver». Hoje não somos capazes de nos privarmos de qualquer coisa, muitas das vezes até de calçar os nossos amigos, desde que isso sirva para nos elevarmos a nós.

Elevarmo-nos aos olhos de Cristo, não interessa, quando esta devia ser a primeira exigência de toda a nossa vida.

Todos nós procuramos fugir da cruz, porque ela impõe, um esforço de unificação. Amar com todo o coração, com

toda a alma, com todo o espírito, com todas as forças.

Hoje os verbos só se conjugam, na primeira pessoa do singular, «eu».

Daf... Onde estão os valores morais? Onde estão os valores cívicos? Onde estão os Pais e as Mães Cristãos?

Pensando que andamos no bom caminho, continuamos, na medida do possível, a ir ao encontro dos que mais necessitam.

Depois da partida da nossa avó de noventa anos, continuamos a visitar a viúva que vive com o filho deficiente. Ele continua a frequentar na escola. Já

são trinta e tal anos. Grande cruz a desta mãe. Os outros filhos estão bem. Temos uma outra senhora, que embora cega, para sobreviver tem que andar a fazer limpezas nos prédios, para receber vinte euros. É triste, mas é a realidade.

Continuamos a contar com a ajuda dos nossos amigos, para que também possamos ir ao encontro dos que nos procuram. Que Pai Américo continue a interceder por todos nós, junto do Pai do Céu.

O nosso endereço: *Conferência de S. Francisco de Assis; Rua D. João IV, 682; 4000-299 Porto.* □

O nosso Depósito

A CASA DINA continua cumprindo a antiga tradição de um *ponto de encontro* com O GAIATO no centro do Porto. Na Rua Mártires da Liberdade, n.º 30, agora de novo servida pelo autocarro 403, fica à mão de muitos Amigos que ali vão deixar suas lembranças, sejam assinaturas ou outras espécies de donativos. Sobretudo nos encanta a confiança com que o fazem e leva muitos a rejeitar qualquer sinal comprovativo do seu dom. É confortante esta atitude, mas o Pessoal da Casa fica mais tranquilo com a passagem do dito comprovativo. Não o rejeitem, por favor.

Temos trazido roupa e, sobretudo, óptima roupa de cama que faz muito jeito.

Aos Amigos que lá vão e aos da CASA DINA que os acolhem, a nossa gratidão e amizade.

Padre Carlos

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

O sono do passarinho

DEPOIS das aulas, em nossa Casa e na vila de Miranda do Corvo, e do estudo, acompanhado, esta Família vai-se reunindo. Todos os dias, para além das rotinas, há vida nova, surpresas, com a variedade das proveniências dos filhos e suas histórias de vida. A perspicácia, nalguns momentos, é notória.

A hora marcada para o jantar da nossa Comunidade é as oito da noite; o que nem sempre acontece, porque o tempo do Terço se prolonga. Não é fácil aprender a rezar, pois a distração se sobrepõe.

Quando a luz solar se vai esbatendo, a maioria dos mais pequenos, os nossos *Batatinhas*, ainda chegam à mesa com bastante energia. Porém, verifica-se que um quarteto se arrasta a mastigar: João Miguel, Rocha, Divino e Victório. E eis que, de quando em vez, a dupla precedente, mesmo no meio da animação, vai pousando as cabecitas nos seus bracinhos, cruzados na mesa grande, em que eles são o centro das atenções e intenções, para ciúme dos médios, que resistem a crescer, não em altura.

Em alguns dias, há pequenitos que são chamados a dormir a sesta e a entrar nesta *confraria*, enquanto podem, no quarto de onde partiu a senhora D. Maria da Luz, mais próximo da vista maternal e até da cozinha...

Mesmo com a natural algazarra, de filhos que se vão entrelaçando como irmãos, que a fratria é muito mais do que a biológica, dos secos relatórios técnicos, não se pode deixar de percorrer o trilho do apelo ao repouso e ao silêncio, nos actos comunitários e à hora de deitar. É uma escada difícil de trepar, ou não vivêssemos num tempo em que se fala tanto e ouve pouco, para além de tanta poluição sonora, a desoras. É essencial, para toda a pessoa

humana, desde o ventre materno, que haja momentos de serenidade e escuta interior.

Posto o Sol, para as bandas de Conímbriga, a miudagem da casa-mãe, que perfaz uma dúzia, é a primeira a avançar a alta velocidade, pedestre, desde a sala de jantar, escadas exteriores acima, até ao pátio de entrada, à vista de um belo azulejo da Imaculada que Pai Américo lá colocou. Em seguida, é só um pulito até às caminhas, nos quartinhos que partilham. Isto como nas famílias numerosas, de outros tempos, de diferente planeamento familiar, em que era preciso abrir Escolas, apesar do ensino não estar alargado a todos e a maioria daqueles que conseguiram fazer a 4.ª classe, ficavam na labuta dos campos e animais ou debandavam para outras paragens.

Conforme a escada das idades vai subindo, desde os quatro anos até mais de vinte, a resistência à quietude não abranda. As galinhas, e também as nossas, cujos ovos fazem as delícias da Comunidade, neste aspecto, são exemplares e vêem-se a recolher cedo e empoleiradas, à espera da aurora do astro rei. Com as pombas destes ares, que abundam, pelo lusco-fusco, ainda se escutam ligeiros bater de asas, nos ninhos dos cumes das palmeiras.

O segredo, registado no genoma das espécies, de desligar do mundo exterior, de acordo com o ritmo natural é importante e vai sendo desvendado, pelos seus benefícios na recomposição do equilíbrio biológico e, nomeadamente, humano.

As noites das urbes são exploradas de forma muitas vezes obscura. E, também, mal vão as festas aos *santinhos*, quando continuam atreladas aos ruídos pagãos, que assaltam os campanários, desvirtuando a fama dos bem-aventurados.

Aquelas pessoas que a Igreja reconhece como modelos de vida, são destacadas para exemplo do Povo de Deus. A 11 de Outubro, aconteceu com o Padre Damião, apóstolo dos leprosos, e Joana Jugan, das Irmãs Pobres.

Na missão dos ministros do Senhor está o anúncio da Boa Nova aos Pobres. Vivendo para *Aquele que é*, com eles e por eles, a proximidade tem momentos fortes e ternos, na roda das vinte e quatro.

Ora vejam lá, se não deixarmos as crianças de hoje presas à *internet*, nalgumas ocasiões elas vão descobrindo, em espaços abertos, alguns segredos da Criação, que também nos conduzem à meditação.

A nossa pequenada, há dias, estava alvoroçada, no parque. Entretidos a brincar, que também precisam, eis que o Victório, o Betinho e o João nos vêm trazer um passarinho, de olhos cerrados. Tinha passado uma noite de chuva intensa e ventania. Preocupados e espantados, queriam dar destino à avezinha. Ao dizer-lhes que ela não voltaria a despertar desse sono, também sugerimos que era melhor ficar soterrada, antes que algum gato matreiro viesse; e, assim, eles não ficavam desanimados.

Entre a garotada, gerou-se uma tal onda de curiosidade, neste intento, que foi levado a um cenário inesperado. Queriam deitar um pouquinho de água, por cima dele. Constatámos, depois, que seria para umas pétalas que cravaram na terra, demarcando o sítio. Entretanto, também, escavaram uma pocinha e vias confluentes.

Aquele simples passarinho não resistiu ao temporal, nocturno, e caiu, no sono final. Ainda bem que os nossos pequenitos estavam atentos e o recolheram.

Quem os acolhe, recebe Jesus. Como primícia dos que adormeceram na esperança da ressurreição, desperta-nos sempre para uma nova Vida! □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

É preciso ter fé...

ESTE mundo onde vivemos é mais complicado que os nossos Rapazes. Se o que ouvimos e lemos é como o jornal de ontem, que hoje já pomos de lado, em verdade, no rodar dos dias fica sempre um acréscimo feito da mistura do passado e do presente, que torna o nosso quotidiano sempre vivo. É preciso ter fé para não descambar e cuidado para não passar de limites que é preciso impor-nos. Estamos próximos e por dentro dos problemas dos Rapazes. Empenhados em ajudá-los no despertar da força de vontade, da responsabilidade e do apego ao trabalho, e só isso nos interessa verdadeiramente.

Mas eles são um resultado gritante de tudo o que de mau e bom por aqui vai medrando. Neles, não fôra o esforço no despertar da vontade, só cresceria o mal.

Por esse Moçambique fora vão chegando a TV e, com ela, os VD e os DVD's com o que há de pior, mais inconveniente e deseducativo. Os mais velhos acham graça, os responsáveis deixam correr, para quem precisa é negócio e maneira

de sobreviver. Crianças, jovens e adultos se juntam pela noite dentro para assistir às sessões. Aqui, na Massaca, acontece.

Ninguém pensa nas consequências. A Escola, que já de si não é educativamente forte, porque educar não é apenas ensinar, deixa muitos dos jovens inseguros com os maus exemplos de professores corruptos. Nisso aprendem a primeira lição da vida, que marca mais do que todas as aulas do ano. E por aí aparece uma juventude sem instrução, sem ideal, diria mesmo sem capacidade de convivência sã. Antes pelo contrário. Em qualquer terra há assaltos diários, violações de crianças, jovens e velhos. Roubos de crianças cujos destinos ainda não se conseguiu definir com precisão.

O povo, no desespero, põe cobro com linchamentos. Nem a Polícia tem capacidade e prontidão para actuar. Muitas jovens, sem instrução mínima, deixam a Escola com um filho nos braços, sem pai que assumia nem família que apoie, sem mundo para viver.

A par disto, é a violência doméstica que sempre foi timbre do homem ter mulher não apenas submissa, mas submetida. Podemos dizer que a escravatura perdura com marcas históricas e indelévels que potenciaram sempre à mulher uma condição servil. Após a promulgação da Lei da Família, fervilham as denúncias. A Lei ainda não está regulamentada e começam a aparecer pilhérias como sinal de que o homem não está ligando e não vai dar certo.

E não paramos por aqui. No mundo do trabalho as relações, em certos ambientes, são, no mínimo, buçais — para não dizer pior. Não há relações de corresponsabilidade e respeito, mas de mando rude e autêntico racismo. Isto sem falar em salários indignos.

Por vezes, as notícias e os acontecimentos levam-nos para um mundo surreal onde nada do que se diz é inteiramente verdade, e o que é verdade não se diz por medo ou subserviência.

Para duas pessoas em questão a verdade é a de cada um. Não há verdade verdadeira. Como faz falta, neste mundo a crescer sem Deus, aquela palavra santificadora: *Eu sou a Verdade e a Vida.* □

A Caridade na Verdade

«**P**ASSADOS mais de quarenta anos sobre a *'Populorum Progressio'*, o seu tema de fundo, precisamente o progresso, permanece ainda um problema em aberto», agravado mesmo em algumas zonas do mundo e agora agudizado em todo ele pela crise económica-financeira.

Entretanto, a globalização *explodiu* a partir dos países economicamente desenvolvidos e instalou-se. Dela diz a encíclica que «*a priori nem é boa nem é má; será aquilo que as pessoas fizerem dela*». Ela aí está e não vale «*atitudes fatalistas (...)* Não devemos ser vítimas dela, mas protagonistas actuando com razoabilidade, guiados pela Caridade e a Verdade. (...) Bom é recordar que a globalização há-de ser entendida como um processo sócio-económico, mas esta sua dimensão não é a única. Há uma Humanidade cada vez mais interligada, constituída por pessoas e povos para quem o referido processo deve ser de utilidade e desenvolvimento, graças à assunção das respectivas responsabilidades por parte tanto dos indivíduos como da colectividade. (...) A verdade da globalização enquanto processo e o seu critério ético fundamental provêm da unidade da família humana e do seu desenvolvimento no bem. Por isso é preciso empenhar-se por *'favorecer uma orientação cultural personalista e comunitária, aberta à transcendência, do processo de integração mundial'*».

Fica-nos, pois, a todos, qualquer que seja a relevância do nosso estatuto na sociedade, um apelo forte a uma conversão de mentalidade que desconvença os homens, nomeadamente os importantes, da auto-suficiência e os abra à experiência do dom, da gratuidade, valores básicos para a formação da consciência que nos levará a constituir a comunidade fraterna a que Deus nos convoca.

«*A actividade económica não pode resolver todos os problemas sociais através da simples extensão da 'lógica mercantil'*. Esta há-de ter como finalidade a prossecução do Bem-Comum, do qual se deve ocupar sobretudo a comunidade política.»

Na encíclica «*Centesimus Annus*», para assegurar a justiça na actividade económica a todos os povos, «*João Paulo II destacou a necessidade de um sistema com três sujeitos: 'o mercado, o Estado e a Sociedade Civil'*». E atribuiu mais a esta a «*Economia da Gratuidade*», mas sem desobrigar os outros dois sujeitos, pois «*a Solidariedade consiste primariamente em que todos se sintam responsáveis por todos; e por consequência, não pode ser delegada só no Estado*».

«*Na 'Populorum Progressio' Paulo VI solicitava que nos empenhássemos na promoção de um mundo mais humano para todos, um mundo no qual 'todos tenham qualquer coisa a dar e a receber, sem que o progresso de uns seja obstáculo ao desenvolvimento dos outros'*. (...) *A vitória sobre o subdesenvolvimento exige que se actue não só na melhoria das transacções fundadas sobre o intercâmbio, nem apenas nas transferências das estruturas assistenciais de natureza pública, mas sobretudo na 'progressiva abertura em contexto mundial, para formas de actividade económica caracterizadas por quotas de gratuidade e de comunhão'*. O binómio exclusivo mercado-Estado corrói a sociabilidade. (...) *O mercado da gratuidade não existe, tal como não se pode estabelecer por lei comportamentos gratuitos; e todavia, tanto o mercado como a política precisam de pessoas abertas ao dom recíproco.*»

É uma constante da Doutrina Social da Igreja esta chamada a plano mais destacado da Sociedade Civil: das pessoas e grupos que a constituem.

Depois, a encíclica *aterra* em campo de empresas e de empresários. A extensão do texto não me permite transcrever quanto queria. Todavia, vou registar aqui alguns pontos que oxalá cheguem ao conhecimento de empresários de boa vontade e os estimule a dar aos seus empreendimentos formas diferentes da vulgaridade que não atende aos valores éticos inerentes a toda a actividade económica:

- «*A gestão da empresa não pode ter em conta unicamente os interesses dos proprietários da mesma, mas deve preocupar-se também com as outras diversas categorias de sujeitos que contribuem para a vida da empresa: os trabalhadores, os clientes, os fornecedores dos vários factores de produção, a comunidade de referência*».
- «*É preciso evitar que o motivo para o emprego dos recursos financeiros seja especulativo, cedendo à tentação de procurar apenas o lucro a breve prazo, sem cuidar igualmente da sustentabilidade da empresa a longo prazo*».
- «*O espírito empresarial tem e deve assumir cada vez mais um significado polivalente. A longa prevalência do binómio mercado-Estado habituou-nos a pensar exclusivamente no empresário privado de tipo capitalista ou no director estatal. (...) O espírito empresarial, antes de ter significado profissional, possui um significado humano. (...) A fim de realizar uma economia que, num futuro próximo saiba colocar-se ao serviço do Bem-Comum nacional e mundial, convém ter em conta este significado amplo de espírito empresarial*».

Que em todas as transições inerentes ao processo de globalização, os seus agentes «*tomem consciência daquela alma antropológica e ética*» que é a dos homens e grupos humanos; e se deixem «*impelir para metas de humanização solidária*».

Padre Carlos

PENSAMENTO

Pai Américo

Bem-aventurados são todos aqueles que neste mundo escolhem a sorte e seguem as pisadas do Mestre, não querendo nada para si e topando tudo quanto querem... para dar aos mais! □